

Animismo transcendente: arroz, búfalos e hierarquia

Transcendent animism: rice, buffaloes, and hierarchy

DOI

[http://dx.doi.org/10.11606/
2179-0892.ra.2017.132081](http://dx.doi.org/10.11606/2179-0892.ra.2017.132081)

Felipe Vander Velden

📍 Universidade Federal de São Carlos | São Carlos, SP, Brasil

✉ felipevelden@yahoo.com.br

ÅRHEM, Kaj e SPRENGER, Guido (editors). Animism in Southeast Asia. Londres e Nova York, Routledge (Routledge Contemporary Southeast Asia Series, 77), 2016, 325p.

Se o sudeste asiático deu à teoria antropológica, de acordo com Seeger, DaMatta e Viveiros de Castro (1979: 2), a aliança de casamento assimétrica, a região traz agora uma contribuição renovada, em estreito diálogo com o americanismo em suas vertentes animista e perspectivista. Organizada por Kaj

Århem e Guido Sprenger – e fruto de um painel de especialistas reunidos na sexta conferência da European Association of Southeast Asia Studies (EuroSEAS), ocorrida em Gotemburgo, Suécia, em 2010 – a preocupação central da coletânea é a de inserir as populações nativas do sudeste da Ásia (continental e insular) nos debates recentes em torno do novo animismo (a ressurreição transformada do velho conceito de Edward Tylor), capitaneados, de um lado, por Philippe Descola e Viveiros de Castro e, de outro, por Tim Ingold e Nurit Bird-David. Não menos importante, o livro se preocupa em abrir novas vias de reflexão comparativa para os etnólogos trabalhando naquela região, conhecida por sua enorme diversidade étnica e linguística, mas também por suas complexas histórias e configurações políticas e religiosas, que vão de pequenas populações de caçadores-coletores com xamanismo (como os Chewong na península malaia) até grande estados teocráticos muçulmanos, budistas ou mesmo cristãos.

Este projeto em torno de um animismo no sudeste da Ásia casa bem com a trajetória de um dos organizadores do livro, Kaj Århem, o que fica claro no capítulo 14, em que o autor põe em diálogo explícito o animismo sudeste-asiático e o perspectivismo ameríndio, espelhando o empenho de Viveiros de Castro (1996) ao opor, anteriormente, ontologias perspectivistas à ontologia naturalista do Ocidente moderno. Århem, com efeito, passou de um trabalho entre os Maku-

na, grupo de língua Tukano no noroeste amazônico – muito reconhecido pelos amazonistas e certamente um dos “fundadores” do perspectivismo (Århem, 1993 e 1996) – para outro, mais recente, entre os Katu de língua Mon-Khmer nas montanhas do centro do Vietnã. O propósito da coletânea, enfim, é inserir o sudeste da Ásia em um debate que, forjado majoritariamente na Amazônia e no ártico e subártico norte-americanos, espalhou-se num diálogo crescente com as tradições etnográficas de outras regiões do globo – especialmente a Sibéria, mas também a Índia, a Nova Guiné e, mais recentemente, a Mesoamérica – com rendimentos muito interessantes. Não obstante, como Århem argumenta na introdução ao volume, se tomarmos esquematicamente o novo animismo como a (ou uma das) ontologia(s) dos ditos povos tribais (inerentemente igualitários), em oposição à ontologia (naturalista) das sociedades ocidentais (fortemente hierarquizadas), muito das sociedades reconhecidamente indígenas do planeta ficam de fora do modelo padrão, como uma espécie de resíduo dele.

Este seria o caso do sudeste asiático, onde as muitas sociedades tribais localizam-se, sociologicamente, num espaço intermediário entre o igualitarismo e a hierarquia (a clássica etnografia de Leach, 1996, nos planaltos da Birmânia, hoje Myanmar, ilustra bem o ponto). A expressão cosmológica deste caráter residual dos povos nativos da Ásia do sudeste em relação ao novo animismo encontraria-se na ênfase, colocada por estas populações, nas relações entre humanos e espíritos, muito mais que naquela entre humanos e animais que caracteriza paisagens árticas e amazônicas, ainda que alguns siberianistas – na proposta de uma divisão entre a *northern North Asia* (Sibéria) e a *southern North Asia* (isto é, Mongólia; cf. Pedersen, 2001; Pedersen, Empson e Humphrey, 2007) – tenham sentido a necessidade de uma observação similar em seu engajamento com os debates animistas/perspectivistas, ao perceberem uma verticalização do animismo na medida em que as tradições anímicas e xamânicas da Sibéria aproximavam-se de formações políticas centralizadas e budistas da Mongólia ou do Tibete¹.

O foco na relação entre distintas categorias de humanos e, da mesma forma, uma variedade de espíritos, conduz à sugestão, pelos autores – com especial ênfase Guido Sprenger, coorganizador do volume (cap. 2) – de que a grande diferença entre o animismo do sudeste asiático e aquele encontrado na Amazônia e no Ártico radica na hierarquia, que aparece, então, como elemento que inflete todas as relações nesta região – interétnicas e interespecíficas, ou, em um só golpe, cosmopolíticas – e acaba por transformar o próprio conceito corrente de animismo, tomado como característico de formações sociais e universos cosmológicos igualitários – de caçadores-coletores, mas não só. Tal movimento é claramente visível, por exemplo, no capítulo etnográfico de Århem sobre os Katu (cap. 5), em que o autor sugere que a relação com os animais de caça ali é

¹ É interessante que Århem, em sua análise comparativa do perspectivismo ameríndio e do animismo sudeste-asiático (cap. 14), ao opor caça (perspectivismo) e criação (animismo), e relacioná-los ao par xamanismo (perspectivismo)/sacrifício (animismo), sugira que a Sibéria, ao combinar sacrifício e xamanismo (entre pastores e entre caçadores, como sugerem Willerslev, Vitebsky e Alekseyev, 2014), ocupe um “espaço cosmológico intermediário” (cosmological intermediary space) entre a Amazônia e o Sudeste da Ásia (:300, n. 4).

subsumida pela social e cosmologicamente estruturante relação com os animais domésticos, pensada em termos sacrificiais: a caça é, aí, então, ao contrário da Amazônia ou do grande norte – onde humanos e animais enfrentam-se como iguais – pensada como uma troca sacrificial entre a aldeia e a floresta, troca que espelha as relações matrimoniais que conectam parentelas hierarquicamente organizadas (doadores de esposas *versus* tomadores de esposas), em que a igualdade não existe e não pode mesmo existir. Animismo com hierarquia, então: esta, segundo os organizadores, é uma das grandes contribuições do livro para a teoria antropológica contemporânea debruçada sobre populações cujos mundos são povoados por intencionalidades não humanas. O animismo, diz Guido Sprenger (:43) não demanda “valores sociais igualitários”².

Se a herarquia é um elemento pervasivo nas formações sociais e práticas políticas das sociedades desta região do planeta, o que os capítulos do livro ilustram ricamente – o que leva à sugestão de que o animismo prototípico do sudeste asiático é o que os organizadores denominam “animismo transcendente ou hierárquico” (*transcendent or hierarchical animism*)³ –, não estou tão certo de que ela seja o ponto de divergência entre o animismo do sudeste asiático e aquele das terras baixas sul-americanas. Isso por duas razões complementares. Primeiro, porque existem povos na sudeste da Ásia que, caçadores-coletores (e, portanto, carentes de agricultura e de criação animal, desenvolvimentos socio-históricos que teriam garantido, nos termos de Århem, a “permutação transcendente [no sudeste asiático] do animismo imanente” [amazônico]), não apresentam configurações sociais e estruturas cosmológicas hierarquizadas, tal o caso dos Chewong na Malásia – cuja presença na coletânea (no capítulo por Signe Howell) revela certa tensão interna ao modelo proposto (assim como, em menor medida, o caso dos Penang discutidos por Monica Janowski) – mas também de outros caçadores-coletores malaios (os Orang Asli, cf. Endicott, 2016) e filipinos e dos Mlabri na Tailândia (Trier, 2008). Segundo, porque o clássico e tão propalado igualitarismo das sociedades indígenas na América do Sul vem sendo nuançado por uma compreensão mais fina das relações cosmológicas regionais, que aponta na direção da existência de núcleos de poder e diferença – chefias hereditárias e centralizadas, relações entre aldeias “centrais” e aldeias “satélite” – tanto intra-aldeões como transregionais (Fausto e Heckenberger, 2007; Sztutman, 2012). Talvez o grande divisor entre as formas de animismo radique em outro lugar, possivelmente nas relações entre humanos e animais, conforme sugere o capítulo etnográfico de Kaj Århem e seu balanço final no penúltimo capítulo do livro⁴. Na verdade, vários das contribuições da coletânea deixam entrever a sensação de que é a domesticidade – a agricultura (em especial do arroz) e a criação animal (sobretudo de búfalos) – a grande responsável por esta forma de animismo regional que se organiza em torno de uma estrutura hierarquizada de seres,

2 É certo que uma discussão bastante densa sobre a coexistência entre animismo e herarquia já havia sido feita pelos organizadores de um volume temático da revista Inner Asia (Pedersen, Empson e Humphrey, 2007).

3 Uma lista das características que definem este “tipo particular de animismo” é, claro, fornecida: centralidade do sacrifício animal, preponderância de práticas divinatórias ou proféticas, possessão espiritual, devoção aos ancestrais, rituais funerários conspícuos, grande atenção a uma miríade de espíritos da natureza e a prática (hoje erradicada) da caça de cabeças (conforme Århem: 280).

4 Ou talvez não: Århem (:282) sustenta que uma das diferenças entre os caçadores amazônicos e os agricultores e criadores de gado sudeste-asiáticos está em que, para estes últimos, a relação dos animais predados com seus mestres, os donos da caça (Animal masters, nos termos do autor) é moldada a partir da relação entre dono (humano) e seu gado (animais de criação): os animais são o gado, a criação, dos mestres dos animais/donos da caça. Isso porque a relação paradigmática entre humanos e animais no Sudeste da Ásia seria aquela de criação, e não de predação, tal como na Amazônia. O problema, claro, reside no fato de que muitas sociedades amazônicas também pensam a relação entre os donos da caça e seus protegidos animais como uma relação entre dono e criação, e abundam na etnografia imagens de curras, cercados e caixas de onde donos à guisa de fazendeiros liberam as presas que serão caçadas pelos humanos (ver, a respeito, Vander Velden, 2011).

incluindo uma fantástica variedade de entes denominados, algo genericamente, como espíritos. É esta panóplia de espíritos, imensamente variada e ocupando virtualmente todos os lugares e todos os aspectos da vida cotidiana e ritual, que caracteriza o animismo sudeste-asiático e, parece-me, constitui sua principal diferença com o perspectivismo ameríndio, centrado, antes, nos animais.

Além de dois textos introdutórios (por Kaj Århem e Guido Sprenger) que funcionam como recensões crítico-teóricas dos debates com os quais os autores buscam se engajar, de um capítulo conclusivo (por Kaj Århem) que explicitamente debate com perspectivismo ameríndio (apontando convergências e, sobretudo, divergências entre as ontologias perspectivistas amazônicas de um animismo imanente e aquelas transcendentalmente animistas do sudeste asiático⁵), e de um comentário final por Tim Ingold (cujas contribuições para os debates em torno do “novo animismo” são bastante lembradas em vários capítulos) o livro está dividido em duas partes, correspondentes ao sudeste asiático continental (Malásia, Vietnã e Laos) e Filipinas (*Mainland and the Philippines*) e ao sudeste da Ásia insular (*Insular southeast Asia*), esta última centrada basicamente nas ilhas do arquipélago indonésio (Malásia, Indonésia e Timor Leste). Os onze estudos de caso fazem dialogar as etnografias de distintos povos na região com o(s) conceito(s) de animismo, com distintas abordagens teóricas e metodológicas, mas com um forte viés comparativo, certamente propiciado pela extensa bibliografia antropológica disponível sobre esta porção do globo. Assim, na primeira parte, temos os capítulos por Signe Howell (sobre animismo, xamanismo e metamorfose entre os Chewong na Malásia), Guido Sprenger (sobre caça, sacrifício e constituição de pessoa entre os Rmeet nas montanhas do norte do Laos), Kaj Århem (sobre caça, sacrifício e trocas assimétricas entre os Katu no Vietnã central), Nikolas Århem (sobre relações com espíritos e com o estado vietnamita entre os mesmos Katu) e Jon Henrik Ziegler Remme (sobre o animismo como onto-praxis entre os Ifugao na ilha de Luzon, Filipinas). A segunda parte, referente à Insulíndia, traz os capítulos de Kenneth Sillander (sobre as relações práticas entre humanos e espíritos entre os Bentian em Bornéu), de Monica Janowski (sobre a dinâmica das conversações cósmicas dos Kelabit e Penan com seu ambiente natural, as florestas de Sarawak, na Malásia), de Matthew Amster (sobre as transformações nas crenças animistas trazidas com a conversão ao cristianismo também entre os Kelabit), de Timo Kaartinen (sobre os outros não humanos nas ilhas Kei, Indonésia oriental), de Sven Cederroth (sobre as diversas categorias de espíritos e deuses entre os Sasak de Bayan, na ilha de Lombok, Indonésia) e de David Hicks (sobre tratamento mítico da relação entre matéria e espírito entre povos de várias ilhas do leste do arquipélago indonésio).

Uma preocupação largamente presente no volume – e que julgo ser crucial para o valor das reflexões ali desenvolvidas, servindo como uma espécie de lição

5 Neste capítulo 14, Århem discute especificamente a relação humano-animal, xamanismo e possessão, formas de predação ontológica e a relação entre vivos e mortos. Acerca destes dois últimos tópicos, uma observação interessante salta aos olhos: o autor observa que na Amazônia, ao contrário do que se passa no Sudeste da Ásia, haveria um trabalho ativo de separação entre os vivos e os mortos (que são tornados “outros”, afins-inimigos-predadores que devem ser completamente esquecidos pelos vivos), a categoria do “ancestral” sendo, portanto, conspicuamente ausente. Não obstante, assim como na revisão da oposição entre hierarquia e igualitarismo nas terras baixas sul-americanas (discutida anteriormente), Århem talvez considerasse rever suas conclusões a partir do trabalho de Chaumeil (1997), que relativiza a clássica equação americanista mortos = outros a partir de abundante literatura etnológica, muito dela focada na caça de cabeças entre sociedades amazônicas (Mundurucu, Kawahib, Xipaya, Juruna, Karitiana); caça de cabeças que é a forma paradigmática de predação ontológica no sudeste asiático, mas que, curiosamente, não aparece na discussão do autor, que opõe a prática asiática apenas ao canibalismo guerreiro ameríndio.

para abordagens eminentemente intelectualistas do animismo, (esta sendo uma das críticas comumente dirigidas às abordagens de Descola e Viveiros de Castro, cf. Londoño Sulkin, 2005) – é a ênfase nas *práticas*, no animismo vivido, no animismo menos como conjunto sistemático e consistente de crenças estabelecidas e mais como um conjunto mais ou menos articulado de instruções sobre como ser ou estar no mundo povoado por uma miríade de seres ditos espirituais. Tais abordagens focadas nas orientações gerais para ação ou cosmo-regras (S. Howell), nas onto-praxis (J. Remme), na permanente conversação com a realidade (M. Janowski) ou nas dificuldades de navegação em mundos superpovoados por espíritos (M. Amster), entre outras formas de abordagem com forte inspiração fenomenológica (e que produzem arquiteturas cosmológicas sempre em fluxo, negociação ou construção, que fazem da vida nestas sociedades uma empreitada sempre incerta e perigosa) são frutos do engajamento dos organizadores e autores do livro com as orientações teórico-metodológicas de Tim Ingold (2000) – com seus *perpetual becomings* – e de Nurit Bird-David (1999) – e sua epistemologia relacional (*relational epistemology*). Ademais, esta ênfase nas práticas sociais mundanas, por assim dizer, permite compreender o animismo no sudeste asiático em sua dimensão histórica – outra preocupação, ao meu ver, significativamente ausente das abordagens oriundas dos materiais ameríndios – como, por exemplo, nas transformações nele operadas por meio do contato com as grandes religiões como o cristianismo, o hinduísmo, o budismo e o islã (S. Cederroth) ou com os vários Estados nacionais que abrigam estas populações (N. Århem). As possibilidades abertas pelo livro nestas direções – de um animismo menos “cerebral”, mais centrado nas interações reais entre grupos humanos e os mundos que habitam e mais sensível às contingências cotidianas ou históricas, sejam de ínfima ou de longuíssima duração – são caminhos a serem carinhosamente considerados pelos amazonistas, conforme as admoestações feitas por Tim Ingold na nota final que encerra o volume.

Largamente desconhecida do público leitor da antropologia brasileira – exceto, talvez, pela já referida monografia de Edmund Leach na Birmânia e pelos conhecidos trabalhos de Clifford Geertz em Bali e outras partes da Indonésia – a riqueza étnica, cultural e linguística do sudeste asiático – lar de cerca de 600 milhões de pessoas que falam mais de mil línguas de não menos que cinco famílias linguísticas – abre infinitas mais portas de entrada para a continuidade do desafiador trabalho comparativo, tarefa que os organizadores e autores desta coletânea tiveram a coragem de iniciar. Quem sabe este não seja o estímulo necessário para que a discussão em torno do novo animismo possa não só alcançar regiões do planeta ainda fora deste instigante debate (penso na África e no Pacífico, por exemplo), mas também para que engajemos em mais leituras cruzadas entre as megadiversas (biológica e culturalmente) florestas da Amazônia e de Bornéu.

Felipe Vander Velden é mestre (2004) e doutor (2010) em Antropologia Social pela UNICAMP, e pós-doutor pela Aarhus University (Dinamarca). É professor do Departamento de Ciências Sociais e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Desenvolve pesquisas entre povos indígenas em Rondônia desde 2002.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ÅRHEM, Kaj

- 1993 “Ecosofía Makuna”. In CORREA, François (ed.), *La selva humanizada: ecología alternativa en el trópico húmedo colombiano*. Bogotá, ICAN, pp. 109-126.
- 1996 “The Cosmic Food-Web: Human-Nature Relatedness in the Northwest Amazon”. In DESCOLA, Philippe e PÁLSSON, Gísli (eds.), *Nature and Society: Anthropological Perspectives*. Londres, Routledge, pp. 185-204.

BIRD-DAVID, Nurit

- 1999 “‘Animism’ Revisited: Personhood, Environment, and Relational Epistemology”. *Current Anthropology*, vol. 40 (supplement): 67-91.

CHAUMEIL, Jean-Pierre

- 1997 “Les Os, les flutes, les morts: Mémoire et traitement funéraire en Amazonie”. *Journal de la Société des Américanistes*, vol. 83, n. 1: 83-110.

ENDICOTT, Kirk (ed.)

- 2016 *Malaysia’s Original People: Past, Present and Future*. Cingapura, National University of Singapore.

FAUSTO, Carlos e HECKENBERGER, Michael (eds.)

- 2007 *Time and Memory in Indigenous Amazonia: Anthropological Perspectives*. Gainesville, University Press of Florida.

INGOLD, Tim

- 2000 *The Perceptions of the Environment: Essays on Livelihood, Dwelling, and Skill*. Londres, Routledge.

LEACH, Edmund

1996 [1954] *Sistemas políticos da alta Birmânia: um estudo da estrutura social Kachin*. São Paulo, Edusp.

LONDOÑO SULKIN, Carlos

2005 "Inhuman Beings: Morality and Perspectivism Among Muinane People (Colombian Amazon)". *Ethnos*, vol. 70, n. 1: 7-30.

PEDERSEN, Morten

2001 "Totemism, Animism and North Asian Indigenous Ontologies". *Journal of the Royal Anthropological Institute*, vol. 7, n. 3: 411-427.

PEDERSEN, Morten; EMPSON, Rebecca e HUMPHREY, Caroline

2007 "Editorial Introduction: Inner Asian Perspectivisms". *Inner Asia*, vol. 9, n. 2: 141-152.

SEEGER, Anthony; DaMATTa, Roberto e VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo

1979. "A construção da pessoa nas sociedades indígenas brasileiras". *Boletim do Museu Nacional*, vol. 32: 2-19.

SZTUTMAN, Renato

2012 *O profeta e o principal*. São Paulo, Edusp.

TRIER, Jesper

2008 *Invoking the Sprits: Fieldwork on the Material and Spiritual Life of the Hunter-Gathers Mlabri of Northern Thailand*. Aarhus, Aarhus Universitetsforlag.

VANDER VELDEN, Felipe

2011 "Inveja do gado: o fazendeiro como figura de poder e desejo entre os Karitiana". *Anuário Antropológico*, vol. 2010-1: 55-76.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo

1996 "Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio". *Mana*, vol. 2, n. 2:115-144.

WILLERSLEV, Rane; VITEBSKY, Piers e ALEKSEYEV, Anatoly

2014 "Sacrifice as the Ideal Hunt: A Cosmological Explanation for the Origin of Reindeer Domestication". *Journal of Royal Anthropological Institute (N. S)*, vol. 21: 1-23.